

09. NARRATIVAS EM REDE: O FEMINISMO NEGRO NAS REDES SOCIAIS

Laila Thaíse Batista de Oliveira¹

Introdução

Esse artigo busca abordar quais os contornos que o feminismo negro brasileiro têm adquirido com a inserção nas redes sociais, o alcance e multiplicação de informação através da produção e divulgação das narrativas das mulheres negras. É visível como milhares de mulheres negras, principalmente jovens, têm utilizado as plataformas digitais para narrar histórias pessoais sobre o racismo e o machismo em suas vidas, são blogs, sites, twitter, canais de youtube e páginas de facebook que tem ganhado um alcance imensurável, formando uma rede de informações e compartilhamentos sobre tais experiências.

Historicamente foi negado ao segmento de mulheres negras a oportunidade de contar a sua história, de falar por si, os livros de história estudados nas escolas sempre trouxeram a perspectiva do branco colonizador, reflexo de uma educação calcada em uma sociedade machista e racista, que relegou aos negros e negras papéis subalternizados na sociedade.

O exercício de contar a sua história ainda tem sido um desafio para a população negra e da diáspora africana, tendo em vista que todo o processo histórico contribuiu para a exclusão social desse segmento, para a negação de direitos e das condições de produção. As relações de poder estabelecidas em nossa sociedade ainda mantem a maior parte da população negra em condição de pobreza e sem acesso à educação formal. Assim, é notório em todo o mundo os problemas deixados por sociedades que tiveram

¹ Mestranda no PPGCOM/UFS. - lailathaise@hotmail.com

experiências escravagistas, a desigualdade social ainda é profunda e resultante desse período e da falta de política públicas que conseguissem reverter o quadro de desigualdades.

Ainda sobre a ausência de produções de teóricas negras feministas, a teórica Bell Hooks vai pontuar em seu artigo “Intelectuais Negras”, como as estruturas existentes operam no sentido de ignorar tais produções.

E o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente e torna o domínio intelectual um lugar interdito. Como nossas ancestrais do século XIX, só através da resistência ativa exigimos nosso direito de afirmar uma presença intelectual. O sexismo e o racismo atuando juntos perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que ela está neste planeta principalmente para servir aos outros (HOOKS, 1995, p.468).

Para as mulheres negras o processo de exclusão e opressão teve o atenuante para além do racismo, às mulheres negras sofriam com o machismo e com a opressão de classe, o que as colocava em condição de exploradas não só em sua mão-de-obra, mas sexualmente, como aponta Silva (2013).

As discriminações de raça e gênero produzem efeitos imbricados, ainda que diversos, promovendo experiências distintas na condição de classe e, no caso, na vivência da pobreza, a influenciar seus preditores e, conseqüentemente, suas estratégias de superação. Neste sentido, são as mulheres negras que vivenciam estas duas experiências, aquelas sempre identificadas como ocupantes permanentes da base da hierarquia social (SILVA, 2013, p.109).

Mesmo diante de todo um histórico de uma sociedade que traz a marca e os resquícios de ter vivenciado um sistema escravagista que legitima o lugar da mulher negra na base da pirâmide social, as mulheres negras desde o período colonial buscaram formas de resistir e de se organizar.

O feminismo negro norte americano surgiu nessa perspectiva, por volta dos anos 80 quando as teóricas e militantes negras como Patricia Hill Collins, Bell Hooks, Kimberle Crenshaw, Audre Lorde e outras pontuaram que o feminismo tradicional não conseguia responder os anseios das mulheres negras porque não considerava outras nuances, reduzindo a categoria mulher a uma identidade única e fixa. Na direção contrária, as mulheres negras apontaram a interseccionalidade como uma direção possível, já que vai considerar as diversas identidades, não só de gênero, mas raça, classe, sexualidade e outras.

Raça é a maneira como a classe é vivida. Da forma que gênero é a maneira como a classe é vivida. A gente precisa refletir bastante para perceber que entre essas categorias existem relações que são mútuas e outras que são cruzadas. Ninguém pode assumir a primazia de uma categoria sobre as outras (DAVIS, 1997, p.8).

Nessa citação a ativista política Angela Davis revela a intersecção entre as identidades, como elas se cruzam e não se excluem. Trata-se de perceber como a classe operária, aqueles mais explorados dentro do sistema capitalista, são negros em sua maioria, e, portanto, mais discriminados, assim como observar as relações de gênero, evidenciar que as mulheres ainda são as mais exploradas no mercado de trabalho, tidas como mão-de-obra barata.

No Brasil, o processo de um feminismo negro foi semelhante no que concerne as motivações, no movimento negro no Brasil ainda predominava as posições masculinas, as mulheres não tinham muito poder de decisão, além disso, questões de machismo eram recorrentes no interior do movimento.

As mulheres negras passaram a reivindicar que suas pautas fossem levadas para as instâncias de decisão, questões como violência de gênero, direitos reprodutivos, construção de creches e outras questões que não eram abordadas no movimento negro, ou eram secundarizadas. Por outro lado, nos movimentos feministas a questão racial era invisibilizada e as questões relacionadas às mulheres eram generalizadas, sendo desconsideradas as especificidades e as opressões a que outras mulheres estavam submetidas.

No seu artigo “Enegrecer o feminismo”, Sueli Carneiro nos provoca uma reflexão, quando o feminismo ‘tradicional’ se propõe a romper com o mito da fragilidade feminina, de que mulher estamos falando, já que a experiência de viver em uma sociedade que passou por um sistema escravocrata não permitiu que as mulheres negras em qualquer momento da história ocupasse esse papel.

A provocação segue ao longo do texto apelando para que pensemos qual é a mulher que o feminismo tradicional representa quando coloca que devemos combater o papel de “rainha do lar”, se a mulher negra continua longe dos estereótipos da “mulher para casar” e onde a maioria não consegue cuidar de sua casa e filhos porque muitas vezes estão em trabalhos precarizados, onde são exploradas e impedidas de cuidar de si e dos filhos.

No Brasil, a distinção de gênero não pode ser compreendida de modo adequado sem considerar-se a questão racial. Na hierarquia da renda, o primeiro fator determinante é a raça, depois o gênero. As mulheres brancas mantêm uma posição nitidamente privilegiada em relação aos homens negros, e as afro-brasileiras estão no mais baixo degrau da escala de renda e emprego. Os homens brancos recebem mais de três vezes o que ganham as mulheres afro-brasileiras, que por sua vez ganham menos da metade do valor da renda mediana da mulher branca (NASCIMENTO, 2003, p.117).

Frente a essas diferenças é que se fez necessário o surgimento de um feminismo negro, onde mulheres negras pudessem buscar um feminismo que levasse em consideração suas experiências como mulher e como negra. Desse modo, “*o pensamento feminista negro seria então um conjunto de experiências e ideias compartilhadas por mulheres afro americanas que oferecem um ângulo particular de visão do eu e da comunidade e da sociedade, ele envolve interpretações teóricas da realidade de mulheres negras*” (BAIRROS, 1995, p. 6).

A partir de um pensamento que estimula que as mulheres negras escrevam suas histórias e onde a experiência é o centro que orienta a produção das teorias, as produções tem conseguido conduzir outras mulheres negras a buscar na literatura a resposta para os seus anseios.

A literatura produzida no campo político e acadêmico por feministas afrodescendentes tem enfatizado a centralidade da intersecção de “raça”, gênero, classe e sexualidade não só no que se refere à compreensão do *status* marginalizado e das drásticas condições de vida a que as mulheres negras se encontram sujeitas, mas também no que diz respeito à elaboração de estratégias sociais e políticas que transformem tais circunstâncias. (SANTOS, 2007, p.12)

É no bojo dessas transformações relacionadas a vida das mulheres negras que compreenderemos como através das redes sociais os discursos e narrativas desse segmento sai da invisibilidade e ganha notoriedade entre os mais diversos públicos, visibilizando suas pautas e combate ao racismo e machismo cotidiano.

As redes como espaço de ativismo

A comunicação mediada por computadores se irradiou pelo mundo, ainda que a inclusão digital esteja longe de se estabelecer em muitos países em desenvolvimento. A parte do planeta que já está conectada interage entre si, reforçando a dimensão de globo. Segundo Castells, as sociedades estariam, desse modo, organizadas em torno de redes, as quais modificam substancialmente a morfologia do nosso meio. Essas redes

comunicacionais seriam estruturas flexíveis, com capacidade de expansão ilimitada e de tempo indeterminado, quase que infinito.

Diante deste cenário, segundo André Lemos (1997), podemos compreender por cibercultura a cultura contemporânea, marcada primordialmente pelas redes telemáticas, pela troca on line, pela navegação em rede global em busca de agregar e cambiar informação e material simbólico. Por tanto, quando falamos em cibercultura, necessariamente falamos de novas tecnologias, sociedade e cultura. Em um contexto histórico, podemos afirmar que o fenômeno em questão se inicia na década de 70, com o surgimento da micro-informática, com a convergência tecnológica e o aparecimento dos PCs (personal computers) e se consolida nos anos 80 e 90 com o surgimento e popularização da internet e a substituição dos PCs em CCs “computador coletivo”, devido à conexão em rede ao ciberespaço.

Muitas teorias e conceitos são estabelecidos a partir da cibercultura. Se as mídias tradicionais como jornal impresso, televisão e rádio estão configuradas em um espaço dominado pela hierarquia de produção e distribuição, já que a comunicação é primordialmente *top down*, em que a mensagem é produzida exclusivamente pelo emissor (*top*) e transmitida para o receptor (*down*), essa quebra de paradigma coloca a cibercultura como uma era singular por ser multidirecional. Nela, o público pode ser parte integrante do processo comunicacional, já que, a priori, qualquer um que esteja conectado à rede pode transmitir e receber informações escritas, sonoras e imagéticas de qualquer parte do planeta.

As práticas comunicacionais da cibercultura são tantas e muitas delas inéditas, impactando a sociedade de forma singular. A cooperação passa a ser um ponto chave na cibercultura, já que o compartilhamento de informações de todo tipo constrói processos coletivos, dando forma a diversos espaços midiáticos os quais entusiasma os indivíduos com a possibilidade de produzir informação e receber informação multidirecional. Percebemos, então, que a cibercultura intensifica o saber compartilhado, a distribuição e a apropriação dos bens simbólicos. A difusão da cultura local e tradicional modifica as relações sociais e reforça as influências mútuas.

Traremos, então, para este contexto, as organizações de mulheres negras como movimentos sociais que iniciaram suas atividades por volta do final dos anos 70 e início dos anos 80, solidificaram-se e atuaram na perspectiva de exigir políticas públicas que garantissem o bem viver das mulheres negras, e no combate ao racismo, machismo e

sexismo. Para além das organizações já instituídas, um novo fenômeno vem se destacando dentro do feminismo negro, trata-se da inserção de mulheres negras, jovens em sua maioria, fazendo ativismo na internet. São sites e blogs como o Geledés, o Blogueiras Negras, Que Nega é Essa?, e outros que através das redes sociais como o facebook e o twitter tem ganhado um alcance maior, visível através do mecanismo de compartilhamento dos textos.

Dentre os sites e blogs destacamos a atuação do Blogueiras Negras que, ao aceitar contribuições textuais das leitoras de todo o Brasil, corrobora para a formação política que descentraliza o conhecimento. O blog tem contribuído para incentivar que mais mulheres negras possam narrar suas experiências e, através de suas histórias, ajudar outras mulheres que vivenciam situações parecidas.

“Somos mulheres negras e afrodescendentes. Blogueiras com estórias de vida e campos de interesse diversos; reunidas em torno das questões da negritude, do feminismo e da produção de conteúdo. Sujeitas de nossa própria história e de nossa própria escrita, ferramenta de luta e resistência. Viemos contar nossas estórias, exercício que nos é continuamente negado numa sociedade estruturalmente discriminatória e desigual.” (CHARÔ, Blogueiras Negras, 2012).

O blogueiras negras atualmente tem alcançando grande expressividade e é referência para mulheres e jovens ativistas que pautam o fim do racismo e do machismo. O Blogueiras Negras Teen foi lançado para estimular adolescentes negras a falarem de suas experiências, essa ação contribui para marcar que existem diferenças geracionais que devem ser compreendidas para a transformação social.

Entre os temas abordados no blog os mais recorrentes ainda são a educação, representatividade, religião, educação, cotidiano, infância, juventude, violência, cultura, culinária, música e outros temas que são transversais a questão da mulher negra e do racismo. As ativistas contam com o site e mídias digitais (facebook, twitter e instagram).



Imagem 01 - Layout do blog blogueiras negras²

O BN Teen é parte do projeto do Blogueiras Negras, sem tanta discussão de profundidade política, é um espaço propício para jovens e meninas negras terem visibilidade e narrar as suas vivências. Segundo o próprio blog:

A pegada do BN Teen é mais jovial, mais suave e ainda que assuntos como feminismo e racismo sejam nossos principais focos, aqui no BN Teen discutiremos tudo isso com menos pressão política do que acontece no projeto mãe. Aqui queremos que meninas negras encontrem a representatividade inexistente em outras revistas voltadas ao público infanto-juvenil. (BN Teen, 2015)

Com as novas plataformas midiáticas e o aceleramento do surgimento de novas tecnologias da informação, as formas de sociabilidade também foram modificadas e ampliadas. O que estamos acompanhando nesse século XXI e desde o século passado é a formação de sociedades em rede¹, onde as discussões sociais estão sendo pautadas e travadas nessa esfera.

“Poderíamos definir “ciberativismo” como toda estratégia que persegue a mudança da agenda pública, a inclusão de um novo tema na ordem do dia da grande discussão social, mediante a difusão de uma determinada mensagem e sua propagação através do “boca a boca” multiplicado pelos meios de comunicação e publicação eletrônica pessoal” (UGARTE, 2008, p.55)

Esse espaço virtual que são as redes sociais, capazes de abrigar as mais diversas formas de se relacionar e se organizar, através de seus entrelaçamentos podem provocar

² Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/>

grandes mudanças por meio de ações coletivas organizadas. Sobre isso, Sônia Aguiar (2008) define as redes sociais da seguinte forma:

São métodos de interação que sempre visam algum tipo de mudança concreta na vida das pessoas e/ou organizações envolvidas, seja na busca de soluções para problemas comuns, na atuação em defesa de outros em situações desfavoráveis, ou na colaboração em algum propósito coletivo. As interações de indivíduos em suas relações cotidianas – familiares, comunitárias, em círculos de amizades, trabalho, estudo, militância etc. – caracterizam as redes sociais informais, que surgem sob as demandas das subjetividades, das necessidades e das intensidades. (AGUIAR, 2008, p. 15)

Nesse sentido, podemos entender o papel que as redes sociais tem como ferramenta para que indivíduos e grupos possam atuar como agentes de transformação. Podemos exemplificar esse fenômeno por meio dos grupos de conversa no facebook sobre cabelos crespos e cacheados, os quais têm surgido nos mais diversos estados e cidades. O intuito é orientar as mulheres que querem usar o seu cabelo de forma natural como cuidar e como se sentir bem dessa forma. Tais grupos também têm se transformado em espaços de narrativas sobre experiências com o racismo e o machismo na vida dessas mulheres.

Mais além, a interação nos grupos deu origem aos encontros presenciais, responsáveis por criar as conexões entre as participantes, com oficinas de turbante, contação de histórias africanas, troca de produtos capilares e tantas outras atividades que contribuem para o empoderamento dessas mulheres e o conhecimento sobre a história da população afro-brasileira.

Em 2015, impulsionadas pelas redes sociais, foram organizadas marchas em todo o país com o mote “Orgulho Crespo”, o intuito foi o de reunir a população negra em prol do orgulho de seus traços étnicos e de sua negritude. Esse espaço reuniu ativistas, militantes sociais, blogueiras sobre a estética negra e outros.



Imagem 02 - Marcha do Empoderamento Crespo em Salvador, 2015³

O aspecto político nessa onda de marchas que se sucederam foi impactante, se compreendermos que entre os mecanismos mais eficazes do racismo, está a fragilidade da auto-estima da população negra ocasionada pela ausência de representações positivas de negros e negras na mídia e pela excessiva difusão dos padrões hegemônicos estéticos.

O uso das redes sociais pelos diversos movimentos negros retomou pautas que surgiram no início dos anos 80 com o MNU, como o “Reaja ou Será Morto”, que denunciava a violência policial e o extermínio da população negra. Como consequência de um racismo que vem se fortalecendo com o passar dos anos, o extermínio da juventude negra e pobre ainda é um dos maiores problemas enfrentados pela população negra, com o uso das redes por meio de ativistas as denúncias aumentaram e indivíduos e movimentos sociais vem se fortalecendo no sentido de combater essa violência.

Os anos de 2014 e 2015 foram marcados por marchas que aconteceram em todo país exigindo o fim do extermínio da juventude negra, a campanha Reaja ou Será Morto

³ Disponível em: <http://www.teatronu.com/marcha-do-empoderamento-crespo-o-cabelo-fazendo-a-cabeca/>

e Reaja ou Será Morta ressurgiu e tem impulsionado através das redes sociais que diversas ações sejam desenvolvidas.



Imagem 03 – 1º Marcha Nacional de Mulheres Negras, Brasília, 2015.

A 1ª Marcha Nacional de Mulheres Negras, realizada em novembro de 2015 em Brasília, organizada e planejada em reunião presencial com diversas organizações e movimentos sociais surgiu durante o Encontro Paralelo da Sociedade Civil para o Afro XXI em 2011 e teve seu Comitê Nacional Impulsionador foi criado em 2013 na III Conapir. A proposta foi, então, incentivada por integrantes da Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB). A Marcha ganhou grande repercussão durante o período de contrução através das redes sociais o que contribuiu para reunir milhares de militantes dos mais diversos estados. Além disso, as informações eram difundidas por meio das páginas do facebook o que facilitou a comunicação entre a comissão organizadora e as militantes.



1ª Marcha Nacional de Mulheres Negras/2015

Fonte: EBC

Essa comunicação estabelecida através das redes sociais é o que Sonia Aguiar (2008) vai chamar de “horizontal” e “não hierárquica”. Segundo a autora, ainda não é possível fazer previsões dos resultados do seu uso.

Então, uma das grandes questões em relação aos contornos que esses novos movimentos sociais ganham nas redes sociais é o que desperta a necessidade de organização? O que se sabe é que a existência de uma causa social não é o fator principal para despertar essas movimentações que ganham corpo através das redes sociais. Sobre isso, Maia (2009) coloca que “*é preciso criar e desenvolver idéias, símbolos e palavras-chave que possam ser comunicados, que sejam significativos e atrativos*” (MAIA, 2009, p.98).

Ainda sobre a configuração dos movimentos sociais através das redes sociais e internet, Manuel Castells, autor de A Sociedade em Rede (2005) e Rede de Indignação e Esperança, endossa que o legado de um movimento social se concentra na capacidade de transformação cultural que ele pode provocar através de sua atuação. No que concerne o seu espaço de atuação e transição, Castells afirma que:

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano

ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora. (CASTELLS, ANO, p.20)

Em suma, o autor reforça as potencialidades das organizações sociais ao utilizar as redes sociais como ferramentas de transformação. Acreditando no potencial multiplicador da conectividade, e seu alcance para além de fronteiras, o que esses novos contornos dos movimentos sociais na internet mostram é que para além da representatividade, o que se busca é a participação nas agendas políticas da sociedade.

Conclusão

O artigo busca refletir de que forma o movimento feminista negro foi se modificando e alcançando novas facetas de atuação, com foco nas ações através da internet e redes sociais. Considerando que ao longo dos anos, o racismo e o machismo não permitiam que as mulheres negras pudessem ter voz nas instâncias de poder na sociedade, o que corroborou e corrobora até os dias atuais para a sua permanência em uma posição hierarquicamente inferior na sociedade.

Com o aumento da população negra nas universidades, fruto também das políticas afirmativas, é possível observar o aumento de produção não só por negras e negros mas sobre a história da população afro brasileira, estamos vivenciando um período onde a população negra reivindica com veemência o papel de protagonista da sua própria história.

Além disso, é possível perceber como a atuação nas redes sociais contribuíram para fortalecer importantes ações fora dos espaços virtuais se considerarmos marchas que ocorreram ao longo dos últimos anos e que tiveram seu princípio de mobilização e articulação nas redes.

O racismo segue atuando de forma violenta, principalmente entre comunidades mais pobres, onde o extermínio da população negra e pobre tem matado mais do que outras guerras, e, no entanto, essa realidade é camuflada e silenciada pela grande mídia, restando aos movimentos sociais e ativistas buscarem alternativas nas novas mídias digitais.

Assim, atualmente temos acompanhado as novas expressões e canais de difusão de informação e conhecimento na internet utilizado por ativistas negras, estudiosas ou

não, mas que buscam algo em comum, o compartilhar de suas experiências através de narrativas sobre sua história e como enfrentam o racismo e o machismo em suas vidas.

Tais narrativas tem contribuído para a formação de uma rede onde outras mulheres negras conseguem se enxergar e buscar meios para enfrentar esse problema presente no próprio cotidiano. Além disso, as produções quando compartilhadas conseguem fortalecer e estimular que mulheres em todo o país possam escrever sua própria história.

O ativismo de mulheres negras na internet tem modificado o cenário, não só no ambiente virtual mas fora dele, ao contribuir para a agenda política da sociedade, conseguindo através da mídia alternativa, ser pautado pela grande mídia e assim provocar transformações sociais e culturais na sociedade.

Referências:

AGUIAR, Sonia. **Redes Sociais:** da mobilização popular ao ativismo digital IN Das ruas às redes: 15 anos de mobilização social na luta contra a fome e a pobreza/COEP – Rio de Janeiro COEP, 2008.

CALDWELL, Kia Lilly. **A institucionalização de estudos sobre a mulher negra:** Perspectivas dos Estados Unidos e do Brasil. Revista da Associação Brasileira dos Pesquisadores(as) Negros. V. 1, n1- mar-jun, 2010, p.18-27.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras Falas:** Feminismo na perspectiva de mulheres negras brasileiras. Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2012. 383. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) Programa de Pós-graduação em Estudos de Gênero, Mulher e Feminismo (PPGNEIM), Universidade Federal da Bahia, 2012.

CARNEIRO, Sueli. "Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero". In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (Orgs.). **Racismos contemporâneos.** Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003. p. 49-58.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DAVIS, Angela. **As Mulheres Negras na Construção de uma Nova Utopia**. Conferência (1) Conferência realizada no dia 13 de dezembro de 1997 em São Luís(MA) na Iª Jornada Cultural Lélia Gonzales, promovida pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão e pelo Grup. Disponível:arquivo.geledes.org.br/atlantico-negro/movimentos-lideres-pensadores/afroamericanos/10243-as-mulheres-negras-na-construcao-de-uma-nova-utopia-angela-davis

FELIPPE, Ana Maria. **Feminismo Negro**: Mulheres Negras e Poder, um enfoque contra-hegemônico sobre gênero. Rio de Janeiro, v. 22, nº 2, p 15-28, jul/dez 2009.

LE MOS, André. Anjos interativos e retribalização do mundo:sobre interatividade e interfaces digitais. 1997. Disponível em www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html - consultado em 20 de dezembro de 2015.

NUNES, Charô. Quem Somos. Blogueiras Negras. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/>

SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e Diferença**: perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis-RJ: vozes, 2000.

SANTOS, Sônia Beatriz dos. **Feminismo Negro Diaspórico**. Gênero 8(1): 11-26, v.8, 2 sem. Niterói, 2007.

UGARTE, David de. **O Poder das Redes**: Manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas chamadas a praticar o ciberativismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.